

## Editorial

Gilberto Icle  
Celina Nunes de Alcântara  
Marcelo de Andrade Pereira  
Márcio Müller

Chega ao seu terceiro número a *Revista Brasileira de Estudos da Presença*. Embora seja recente o seu surgimento, a publicação se notabiliza por uma espécie de precoce maturidade. O mérito é, certamente, de todas as consequentes discussões que têm sido travadas em suas páginas, na escolha de um tema, a presença que, a despeito de ser inusitado, apresenta-se como de fundamental importância para a pesquisa nas Artes Cênicas, nas Artes do Corpo e em outras áreas de conhecimento correlatas, tais como a Educação. E é exatamente em uma correlação que se origina mais um número desta revista. A edição atual dedica-se ao tema da *Etnocenologia*.

A Etnocenologia caracteriza-se, tal como nos apresenta Armindo Bião no texto *Breve notícia de uma adolescente transdisciplinar: a etnocenologia*, como uma disciplina jovem e multifacetada. Bião procura, com efeito, problematizar e desenhar tal disciplina ao indicar as bases históricas e epistemológicas sobre as quais a mesma se erige. No registro desta disciplina, Jean Marie Pradier discute o *Etnocentrismo nominal e as artes do espetáculo vivo*. Neste texto, Pradier critica, apoiado pelas contribuições da literatura, da linguística e de outras áreas de conhecimento, o etnocentrismo nominal tomado como uma prática difundida em diferentes meios, o qual se caracteriza pela substituição de termos originais por traduções analógicas. O autor mostra que tal operação, exercida pelas línguas dominantes, faz adotar termos como *teatro* e *tragédia* como qualificativos para valorizar as práticas consideradas como menores. O texto de Marco De Marinis aborda, por sua vez, os conceitos de corpo e corporeidade desde as perspectivas da semiótica e das neurociências, a fim de criar um pequeno glossário interdisciplinar. De Marinis discute, ainda,

a distinção entre corpo e carne e sua junção teórico-prática na noção de corporeidade. Toma como intercessores Marcel Jousse, Richard Schechner e, também, Jean Marie Pradier. O pensador italiano intui que a conexão entre tais disciplinas permite, no que concerne à discussão do corpo e da corporeidade, um alargamento da teatrologia, ao incluir o estudo da relação ator espectador numa perspectiva interdisciplinar. É a partir da conexão entre Antropologia e Estética que Laure Garrabé realiza seu estudo sobre as práticas performativas. Para a autora, ao apreender antropologicamente tais manifestações estéticas é possível estabelecer uma hermenêutica das formas de socialização e individuação em ato. Garrabé apresenta um aparelho epistemológico no qual as noções de ritmo e de relação teriam valor paradigmático. Supõe, assim, que seja disso possível apreender os modos de produção, de recepção e apropriação dessas práticas que determinam o reconhecimento social das mesmas como arte. Em uma outra iniciativa interdisciplinar, Gabriele Sofia discorre sobre a relação entre teatro e neurociência – relação também estabelecida por De Marinis. Aqui, entretanto, a interação entre esses campos de saber é estabelecida a fim de se evidenciar como um processo intersubjetivo, postulado pela prática do teatro, enaltece conceitos das neurociências. Essa relação concerne não apenas ao modo como o ator em cena organiza o próprio sistema corpo-mente mas, de igual modo, à experiência performativa do espectador. Marcos Antônio Alexandre, em seu texto *Marcas da violência: vozes insurgentes no teatro negro brasileiro*, utiliza a Etnocenologia como um instrumento para retratar os aspectos de teatralidade e espetacularidade no campo cênico e ritual, focando no Teatro Negro. O autor analisa as formas de representação do negro na sociedade brasileira, salientando que a violência é uma das marcas simbólicas que vêm sendo ressignificada nos textos afro-brasileiros. Ao discutir as instâncias em que a violência é representada cenicamente, o autor busca saber como ela pode interferir na (re) construção das identidades e dos sujeitos negros. Alexandra Gouvea Dumas concentra-se, por sua vez, no *Corpo em cena: na oralidade e na Etnocenologia*. Tem como propósito analisar processos de transmissão de conhecimentos humanos – um dos

denominadores comuns nos textos apresentados nesta seção de Etnocenologia – nos quais duas formas são evidenciadas: a oralidade e a escrita. A autora se propõe ainda a iluminar aspectos da cena que concernem ao corpo e a sua relação sensorial e comunicacional, destacando a cena como um formato distinto de estrutura como a escrita e a oralidade. Neste diapasão estético é que Mônica Ribeiro no texto *O prazer estético: um laboratório somaestético na sala de aula de dança* irá refletir sobre a possibilidade de incorporação de dispositivos de desencadeamento de experiências sensoriais em práticas de dança-educação. Baseando-se em estudos etnocenológicos e com um acento pedagógico, a autora considera que a somaestética e a propriocepção afetiva – noções depreendidas da obra de Thembi Rosa – constituem noções germinais para promover a construção da autoralidade na dança, visto que gera prazer no movimento, conectando o sujeito e a ação. O último artigo, desta seção especial dedicada à Etnocenologia, não é menos importante, é de autoria de Arianna Berenice De Sanctis, o qual narra e analisa o encontro, em 1976, entre o Odin Teatret e os índios Yanomamis.

Eugenio Barba, célebre diretor pedagogo do Odin Teatret – objeto de estudo do texto anterior –, inaugura com um texto seu a seção *Documentos de Artistas*. Tal texto consiste na análise do mais recente espetáculo, *A Vida Crônica*, de seu grupo, o Odin Teatret. Nunca é demais lembrar que Barba tem uma profunda importância não apenas do ponto de vista da produção teatral, como também da teoria do teatro, com suas pesquisas realizadas no campo da Antropologia Teatral. Thomas Leabhart engrossa essa seção documental ao dar seu testemunho em relação à pedagogia de seu mestre Etienne Decroux. Em seu texto, Leabhart discute as peculiaridades dos ensinamentos de mímica com ênfase nas lições de improvisação teatral. Reflete, ainda, sobre as incongruências e a potência do pensamento de Decroux para o teatro contemporâneo, sobretudo no que diz respeito à pedagogia do ator.

A última seção deste número da *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, intitulada *Outros Temas*, apresenta textos de Hans Ulrich Gumbrecht, Beatriz Trastoy, Luis Fernando Loaiza Zuluaga e Nara Waldemar Keiserman. O texto

de Gumbrecht *Aonde uma Reviravolta Antropológica poderá levar as Ciências Humanas e as Artes* discorre sobre os possíveis significados de uma chamada reviravolta antropológica às Ciências Humanas. Ancorada mais no teatro e menos na antropologia e na filosofia, Beatriz Trastoy reflete a possibilidade ou impossibilidade de representação da morte na cena contemporânea. Toma como exemplos algumas produções argentinas. Nesse mesmo compasso epistemológico, encontra-se o ensaio de Luis Fernando Zuluaga, o qual procura comparar a função cumprida pelo conceito na produção teatral clássica e contemporânea. Amparado por um giro conceitual do teatro, o autor propõe uma visão de produção teórica sobre o teatro como acontecimento e experiência estética. Ao encerrar essa seção da Revista, apresentamos o artigo de Nara Keiserman, intitulado *Diálogos sobre a Narração – É a nostalgia da fogueira, tenho certeza*. Nesse texto, Nara reflete sobre o sentido que a literatura de ficção tem para o teatro narrativo. A autora aborda uma série de aspectos concernentes à relação entre a literatura e a representação teatral – que toma como base o texto literário, entre eles, o uso de objetos, a espacialidade, a relação com o espectador, a composição gestual e o trabalho do ator. Ela toma como base material da investigação as encenações produzidas por ela mesma.

O intento desta publicação era o de reunir textos que trabalhassem no campo da Etnocologia a partir de uma das três possibilidades de ligação com perspectivas da área da Educação: práticas performativas em contextos de educação escolarizada ou não; processos de formação e/ou transmissão de saberes envolvidos em práticas performativas; questões epistemológicas sobre práticas performativas. Ao fim deste processo de editoração, percebeu-se que o empreendimento foi levado a termo e, ousamos dizer, de maneira mais que satisfatória. É com a preocupação de satisfazer um público cada vez mais qualificado que a nossa revista mudou também sua configuração. A atual edição apresenta, como se poderá notar, uma nova diagramação. Supomos que um *layout* convidativo pode tornar o leitor mais disposto a dialogar com as múltiplas vozes que neste escrito se condensam. Boa leitura!